

## O juízo de exceção

Vimos que a competência criminal se fixa em razão do lugar: o lugar da infração, ou o lugar do domicílio do réu. O foro competente para julgar a questão do triplex seria então: ou Brasília, ou Guarujá, ou São Bernardo do Campo. Como é que esse caso foi parar em Curitiba?

Bem, digamos que, na ação “x” movida contra vários réus, a competência se determinará pelo seu domicílio, e eles têm domicílio em comarcas diferentes.

Então, o juiz de uma dessas comarcas poderá ter estendida sua competência, para que possa julgar todos os réus, no mesmo processo. A isso pode-se chamar de conexão, ou continência. Se a ação penal já começou contra um dos réus, e depois tem início outra, contra outro, diz-se que há prevenção do primeiro juízo.

Qual a razão para que a competência de um juiz se amplie para outros casos assemelhados, seja por conexão, continência ou prevenção? A razão é a unidade processual: faz-se uma única instrução processual, profere-se uma única sentença. Proferida a sentença, caso surja depois – em Brasília, no Guarujá ou em São Bernardo – um novo caso que tenha pontos de contato com aquele, qual o juízo competente? O de Curitiba? Evidentemente não. Porque a sua competência prorrogou-se apenas para aqueles casos, tendo em vista a unidade de sua instrução e julgamento. Não nasceu, daí, uma competência perpétua e universal daquele juízo, com relação a todos os casos assemelhados. E caso o juízo de Curitiba se arrogue essa competência, transforma-se-á em juízo de exceção.

Já tivemos juízo de exceção no Brasil durante a ditadura de Getúlio, com o Tribunal de Segurança Nacional, criado em 1936. Por isso diz a Constituição brasileira, em seu art. 5º-LVII: “NÃO HAVERÁ JUÍZO OU TRIBUNAL DE EXCEÇÃO.

Quando 12 membros do Ministério Público Federal formularam a denúncia quanto ao triplex, entregaram a petição inicial diretamente ao juiz da 13ª Vara Criminal de Curitiba (o juiz Sérgio Moro). Saltaram por cima do juiz distribuidor, dizendo, na própria petição, que havia conexão com dois outros processos daquela Vara: os processos nº

500661729.2016.4.04.7000/PR e 5035204- 61.2016.4.04.7000/PR. Ao receber a denúncia, o juiz da 13ª. Vara fez menção a vários outros processos, mas principalmente à ação penal 508337605.2014.404.7000, que envolvera a empresa OAS. E, ao proferir a sentença condenatória, declarou-se competente por prevenção, pois “a investigação iniciou-se a partir de crime de lavagem de dinheiro consumado em Londrina/PR e que, supervenientemente, foi objeto da ação penal n. 5047229-77.2014.404.7000”.

Aberrações como essas seriam facilmente corrigíveis, seja mediante apelação, em segunda instância, seja mediante correção por parte do Conselho Nacional de Justiça.

Não sei dizer – pelo menos, até aqui – o que aconteceu no CNJ. Mas posso dizer o que aconteceu no Tribunal Regional Federal da 4ª. Região. Criou-se, ali, uma Turma de exceção, ao se atribuir a um único desembargador a competência para relatar todos os casos da Lavajato. Em outras palavras: criou-se, com isso, uma blindagem contra a parcialidade, a suspeição e os abusos de poder do juiz Moro. De modo que, sempre que fossem argúidas essas matérias, seriam sumariamente rejeitadas por essa Turma. Escusado dizer que um juiz de exceção açambarca a competência de todos os outros juízes do mesmo grau. E que uma Turma de exceção açambarca a competência de outras turmas do mesmo tribunal.

Também não sei dizer – pelo menos até aqui – o que aconteceu no Superior Tribunal de Justiça, que negou habeas corpus a Lula. Mas sei dizer o que aconteceu no Supremo Tribunal Federal, onde o ministro Teori Zavascki, e depois o ministro Luiz Edson Fachin, foram instituídos ministros excepcionais da Lavajato. Só que, ali, a mão do gato operou com mais sutileza e ardil.

O que é a Lavajato? Quem melhor a define é o juiz Moro – detentor da competência universal e excepcional nessa matéria – ao receber a denúncia do triplex.

Alguém poderia alegar que não acredita no que estou dizendo porque isso seria uma ignomínia, inconcebível tratando-se de dignos e decentes magistrados. Eu lhe responderia assim: pense, meu caro, duas vezes.